Revista de Geografia (Recife) V. 41, Nº. 3, 2024 (Especial)

https://doi.org/10.51359/2238-6211.2024.264200

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

PKS PUBLIC KNOWLEDGE PROJECT

REVISTA DE GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS OPEN JOURNAL SYSTEMS

https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia

NARRATIVAS DE TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DE ESTUDANTES NEGRAS DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, EM CRATO-CEARÁ

Susana Dainara Terto de Oliveira [1] - Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8236-8903
Priscila Batista Vasconcelos [2] - Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0089-6279

[1] Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil *
[2] Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil **

Artigo recebido em 15/05/2024 e aceito em 02/08/2024

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, em nível de mestrado, com objetivo principal de analisar as trajetórias socioespaciais de estudantes negras do curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri - URCA, em Crato - Ceará, a partir de suas narrativas. O estudo se ampara em uma perspectiva das "escrevivências", de Conceição Evaristo, a qual aponta para o cerne da escrita e vivências negras. A pesquisa mostrou que a família das estudantes foi fundamental na decisão em continuar estudando e ingressar na universidade. As políticas de assistência estudantil, por exemplo, as bolsas remuneradas, o restaurante universitário, a residência universitária, garantiram a permanência. Os movimentos negros no espaço acadêmico tiveram o papel de ponte entre sujeito e construção de sua identidade negra. E, mesmo não se sentindo pertencentes ao espaço universitário por motivos de discriminação e invisibilidade, as estudantes negras da URCA se colocaram na construção de uma força de luta dentro desse espaço, principalmente, porque percebe-se um nível adequado de letramento racial vindo delas.

Palavras-chave: mulheres negras; narrativas; trajetórias socioespaciais; Universidade; Geografia.

NARRATIVES OF SOCIO-SPATIAL TRAJECTORIES OF BLACK STUDENTS OF THE GEOGRAPHY COURSE AT THE REGIONAL UNIVERSITY OF CARIRI, IN CRATO-CEARÁ

ABSTRACT

This article was developed in the Postgraduate Program at the Federal University of Pernambuco - UFPE, at the master's level, with the main objective of analyzing the socio-spatial trajectories of black students in the Geography course at the Regional University of Cariri - URCA, in Crato - Ceará, based on their narratives. The study is based on a perspective of "escrevivências", by Conceição Evaristo, which points to the core of black writing and experiences.The research showed that the students' families were fundamental in their decision to continue studying and enroll in university. Student assistance policies, such as paid scholarships, university restaurants, and university

* Doutoranda em Geografia. Universidade Federal de Goiás/ Campus Goiânia. E-mail: susanaterto@discente.ufg.br
** Doutora em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco/ Campus Recife. E-mail: priscila.vasconcelos@ufpe.br

residences, ensured their permanence. Black movements in the academic space played the role of bridging the gap between the subject and the construction of their black identity. And, even though they did not feel like they belonged in the university space due to discrimination and invisibility, the black students at URCA took a stand in building a fighting force within this space, mainly because they perceived an adequate level of racial literacy coming from them.

Keywords: black women; narratives; socio-spatial trajectories; University; Geography.

NARRATIVAS DE LAS TRAYECTORIAS SOCIOESPACIALES DE LOS ESTUDIANTES NEGROS DEL CURSO DE GEOGRAFÍA DE LA UNIVERSIDAD REGIONAL DE CARIRI, EN CRATO-CEARÁ

RESUMEN

Este artículo fue desarrollado en el Programa de Postgrado de la Universidad Federal de Pernambuco - UFPE, a nivel de maestría, con el objetivo principal de analizar las trayectorias socioespaciales de estudiantes negros de la carrera de Geografía de la Universidad Regional de Cariri - URCA, en Crato - Ceará, a partir de sus narrativas. El estudio se basa en una perspectiva de las "escrituras", de Conceição Evaristo, que apunta al núcleo de la escritura y de las experiencias negras. La investigación demostró que las familias de los estudiantes fueron fundamentales en su decisión de continuar estudiando e ingresar a la universidad. Políticas de asistencia al estudiante, por ejemplo, becas pagadas, restaurante universitario, residencia universitaria, permanencia garantizada. Los movimientos negros en el espacio académico jugaron el papel de puente entre el sujeto y la construcción de su identidad negra. Y, aunque no se sienten pertenecientes al espacio universitario por razones de discriminación e invisibilidad, los estudiantes negros de la URCA se ponen a construir una fuerza de lucha dentro de este espacio, principalmente porque se percibe un nivel adecuado de alfabetización racial proveniente de a ellos.

Palabras clave: mujeres negras; narrativas; trayectorias socioespaciales; Universidad; Geografía.

INTRODUÇÃO

As heranças de uma história única de base colonial, baseada no ocultamento da violência extrema, propaga narrativas das quais a população branca é beneficiária. Assim, em terras de colonização ibérica atlântica, a memória coletiva vem sendo inscrita nesse contexto de amnésia coletiva, indicando que a construção da história oficial muitas vezes exclui e distorce os acontecimentos e perspectivas de grupos racializados que foram marginalizados durante séculos. Essa amnésia coletiva refere-se a uma "ignorância branca", termo criado pelo filósofo afro-americano Charles Mills (2018), trazida pela ativista Cida Bento, em seu livro "O pacto da branquitude" (2020) como forma de refletir sobre como há uma tendência nas sociedades de dominarem uma escolha do que deve ser esquecido e também do que deve ser lembrado, mantendo assim a supremacia branca e apagando da memória coletiva, as experiências de pessoas não brancas. Ou seja, argumenta que, nas sociedades dominadas por pessoas brancas, existe uma forma de ignorância sistemática e estrutural que beneficia os brancos às custas das pessoas não brancas.

Esse sistema não refere-se apenas à falta de conhecimento de um indivíduo em relação a outros no individual, mas no sentido de coletividade do mais amplo desrespeito e desconsideração às vozes e histórias

dessas comunidades no geral. Isso vem ocorrendo porque as estruturas de poder dominantes, historicamente estabelecidas pela branquitude, promovem visões de mundo brancas, ao mesmo tempo que marginalizam e desvalorizam a história e contribuição cultural da população negra e indígena, principalmente porque moldam as instituições, as regras/normas e valores.

Para além do reconhecimento, é importante também o confronto a essa "ignorância branca", para que assim se criem espaços seguros e mais inclusivos, que reconheçam as contribuições das comunidades negras e indígenas na formação cultural, social e econômica do nosso país. É sobre reinterpretar os acontecimentos históricos a partir de outra perspectiva, amplificando a voz daquelas que sofrem a violência do silenciamento e ressignificar a história a partir de múltiplas outras visões e noções de mundo.

Considerando a insatisfação da população negra com a manipulação, limitação e dominação pelas quais foi submetida, percebe-se um grande avanço na representação dessa população em espaços sociais, em especial de mulheres negras, que ascendem cada vez mais na luta por espaço e reconhecimento. Dentro do ambiente acadêmico não tem sido diferente, essa presença de pessoas negras tem fortalecido uma potência de vozes femininas, reafirmando sua importância na discussão acerca de suas próprias histórias, principalmente no que se refere às condições de mulheres negras na sociedade brasileira. Além disso, a universidade é um espaço que está além de uma mera formação acadêmica, ela se coloca como parte essencial na formação de uma sociedade crítica e política. Apesar do significativo aumento de mulheres negras no Ensino Superior e do acesso à pesquisa em decorrência das políticas afirmativas:

> Ainda são grandes os desafios enfrentados por estas no cotidiano das relações universitárias. Essas pesquisas revelam que, além das mulheres negras estarem subrepresentadas no Ensino Superior, ainda sofrem com práticas racistas e sexistas em decorrência das representações sociais construídas sobre a mulher em geral e sobre as mulheres negras em particular (Valério *et al*, 2021, p.4).

É certo que para além desse movimento de maior inserção desse público nas universidades, há outras questões a serem dialogadas acerca da participação de mulheres negras no Ensino Superior, principalmente no que se refere às formas em que os mecanismos racistas se produzem e reproduzem dentro do ambiente acadêmico, causando impactos na vida dessas mulheres. Dessa forma, podemos ver para além do acesso à universidade, a permanência. É importante que tenhamos noção dos marcadores que estão interseccionados na vida de mulheres negras, e que são manipulados pela sociedade capitalista, causando efeito direto na participação dessas mulheres no Ensino Superior, impondo estratégias para se criar barreiras, tanto nos seus desempenhos, como nas suas permanências na universidade.

Podemos citar também a busca por identidade de mulheres negras que estão inseridas nas universidades e a falta de representatividade nesses espaços, como por exemplo, nos corpos docentes dos cursos frequentados por esse público. O quadro de professores das universidades está composto, em sua maioria, por homens brancos, seguido de mulheres brancas. O que é um fator para que mulheres negras não

se sintam pertencentes a esses espaços, e "revela o quão desafiadora a vida acadêmica se torna para as mulheres negras, que cotidianamente são recordadas que aquele espaço, estruturado por modelos brancocêntricos, parece não lhes caber" (Valério *et al.,* 2021, p.9).

Sobre as experiências de mulheres negras em espaços acadêmicos nas pesquisas da geografia brasileira, a partir de um levantamento bibliográfico sobre a questão colocada em pauta, percebemos o uso recorrente da categoria "trajetórias socioespaciais", a partir de trabalhos produzidos por geógrafos que estão referenciados neste trabalho, como por exemplo, o Prof.o Dr.o Alex Ratts; a Prof.a Dr.a Lorena Francisco de Souza; o Prof.o Dr.o Diogo Marçal Cirqueira; a Prof.a Dr.a Mariza Fernandes dos Santos; entre outros. Situação que nos deu base para realizar este trabalho.

Pressupondo que "as trajetórias são grafias espaciais, realizadas a partir da corporeidade, da forma como os corpos se inscrevem e traçam seus caminhos pelo mundo" (Azevedo; Sacramento, 2022, p.57), esta pesquisa teve como objetivo geral analisar as trajetórias socioespaciais de estudantes negras do curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri - URCA. Metodologicamente, o estudo se ampara na perspectiva das "escrevivências" da Conceição Evaristo, a qual traz para o cerne da escrita as vivências negras, principalmente de mulheres negras (Evaristo, 2017). Em uma abordagem qualitativa, a partir das narrativas de vivências, trilha caminhos que possibilitem uma análise a partir das próprias narrativas das mulheres.

Tal como Sueli Carneiro tratou em sua tese as narrativas de lideranças negras, tal como Daniel Munduruku considerou as narrativas de personalidades indígenas, também estamos considerando as narrativas das estudantes negras como testemunhas, "um narrador privilegiado de fatos que viveu ou presenciou". (Munduruku, 2012, p. 74).

Sueli Carneiro, apoiada pelas ideias sobre testemunhas de Márcio Seligmann-Silva, considera que as testemunhas negras são:

> em primeiro lugar sobreviventes de um evento de radical unicidade, que foi a escravização de seus ancestrais africanos, cujos efeitos persistem em sua memória, em seus corpos, em suas vidas e na história de seu país. Elas também são portadoras de uma contra-história na qual se ressignificam e se deslocam os assujeitamentos, os estigmas e estereótipos promovidos pela escravização e pelos processos posteriores de exclusão racial. (Carneiro, 2023, p. 143).

Neste sentido, foram mobilizadas as trajetórias socioespaciais a partir das histórias de vida, considerando suas relações sociais e dimensões espaciais tomadas a partir das vivências na universidade. Para tal intento, consideramos pesquisas na geografia que se inserem no campo científico voltado para questões étnico-raciais e de gênero, com destaque nas trajetórias socioespaciais. Também exploramos como a discriminação de gênero e raça se interseccionam no que se refere as vivências de mulheres negras.

Considerando isso, é importante dizer que, nós, mulheres negras, não estamos sendo apresentadas aqui como objeto de pesquisa, e sim como sujeitos criadores de conhecimento, pois, "nós, mulheres, não somos apenas fonte de conhecimento sobre nossa condição; muito mais: somos agentes de conhecimento" (Silva, 1998). E é nesse movimento feito no sentido de deixarmos de ser objeto para sermos sujeitos" (Silva, 1998), que nos constituímos e libertamos as nossas vozes.

No presente estudo, foram entrevistadas 6 (seis) estudantes do curso de geografia da Universidade Regional do Cariri - URCA, no ano de 2023. Todas elas auto declaradamente negras, com idade entre 18 e 24 anos e lugares de morada na região do Cariri Cearense, dividido entre os municípios de Santana do Cariri, Nova Olinda, Crato, Juazeiro do Norte, Barro e Barbalha. Por questões de sigilo na ética da pesquisa, optamos por identificar as entrevistadas com nomes de mulheres negras que na historiografia brasileiras são consideradas símbolos de luta e resistência. Entre elas estão: Carolina Maria de Jesus, Dandara, Tereza de Benguela, Nzinga, Maria Firmino do Reis e Antonieta de Barros.

O artigo foi desenvolvido dentro do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo/UFPE, nível mestrado, em parceria com Grupo de Pesquisa e Estudo em Geografias Negras e Indígenas - GENÍ e o Laboratório de Estudos sobre o Espaço, Cultura e Política - LECgeo, vinculados ao Departamento de Ciências Geográficas, utilizando como campo de pesquisa o curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri - Urca, localizada em Crato, Sul do Ceará.

OS SENTIDOS E CONCRETUDES DAS TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS

É interessante pensarmos na maneira de se refletir as relações sociais na sociedade brasileira de forma racializada, principalmente, através de movimentos que reivindicam não somente a inserção da população negra na universidade, mas também a sua permanência, se criando assim, uma oposição a essas estruturas institucionais racistas e que foram construídas com bases epistemológicas eurocêntricas. Pensando nas trajetórias socioespaciais, principalmente dentro da geografia, como percursos que caminham por lugares que se constroem não somente de materialidade, mas de sentidos e significações das nossas próprias vivências e experiências cotidianas, é importante dizer que:

> A Geografia representa uma área do conhecimento do ser e estar da humanidade no mundo (sociedade) e planeta (natureza) com suas inúmeras relações. Logo, a Geografia não está distante das vivências e experiências cotidianas das pessoas. Quando pensamos em nós, seres humanos no contexto geográfico, não somos apenas o que construímos e transformamos em termos concretos e edificados (parcela do espaço construído ou humanizado), também somos e existimos a partir do que pensamos, vivemos, sentimos e experimentamos e pelo que nem sempre com palavras e/ou cientificamente podemos explicar, ou ainda pensar na nossa ancestralidade, origem e os conjuntos dos signos e simbologias criadas ao longo das relações humanas. Tudo isso chamamos de "desde dentro (Guimarães, 2018, P.67).

Reafirmando a importância dessa escrita "desde dentro", corroboramos com a autora Geny Guimarães (2018), quando ela conceitua essa expressão como uma maneira que a população negra utiliza para, através de suas percepções, vivências e experiências, expressar e traduzir o seu pensar o mundo a partir de suas trajetórias. Ao longo dessas trajetórias, a educação se coloca como base para um ensino que nega suas subjetividades e as enquadra em estereótipos que desconsideram as suas origens e identidades. O ensino superior segue em linha contínua nessa visão colonizadora, porém, oferece meios, mesmo que de forma marginalizada, para se construir resistência a essas hegemonias de padrão e dominação.

A autora pressupõe que construir uma narrativa a partir de uma perspectiva antirracista dentro da geografia é perceber também que, as ideias de pesquisadoras (es) negras (os) no país vem sendo lentamente levantadas, mudando, mesmo que minimamente, o quadro de inserção de pessoas negras na pesquisa científica. Seguindo nessa perspectiva, a geografia cultural tem dado ênfase na "geografia de gênero" (Souza; Ratts, 2006), que com um nível de profundidade maior, tem como principal objetivo analisar e enfatizar a importância da mulher na sociedade, nos lugares que por ela são ocupados e suas vivências/experiências.

Segundo Tatiana Silva (2020, p.13), quando nos preocupamos em discutir as trajetórias de mulheres negras e damos ênfase ao processo de inserção na universidade, estamos também nos propondo a debater e compreender sobre o direito de falar por si mesma e o de construir sua própria narrativa a partir do seu lugar de fala. A ideia de debate acerca das trajetórias socioespaciais de mulheres negras perpassa as relações étnico-raciais, pois elas são atravessadas por outros eixos sociais, como exemplo: gênero e classe. Alex Ratts (2003) destaca bem essa observação quando diz que há uma intersecção[1] entre fatores, como, de gênero, raça e espaço, afirmando que a partir desse atravessamento se cria uma "conformação de espacialidades bem definidas pelos diversos grupos sociais".

Então vemos que assim como a categoria de gênero não pode ser separada das relações políticas, econômicas, sociais e culturais, também não pode ser separada da categoria de raça, pois, de acordo com Lorena Souza e Alex Ratts (2017), "é inconcebível um universo consensual entre as mulheres. Estas, de diversos grupos raciais e étnicos, possuem particularidades que devem ser respeitadas para, assim, serem tratadas com equidade". Essa articulação entre opressões ocorre dentro de uma dimensão espacial e a partir das relações sociais, das vivências e experiências, das trajetórias socioespaciais. Essas trajetórias que refletem um movimento temporal e espacial de determinados pontos percorridos durante os trajetos dos

[1] No início dos anos 1980, Lélia Gonzalez estruturou o seu pensamento por meio de abordagem que permitiu o atravessamento de experiências plurais da comunidade negra, relacionando raça, classe e gênero. Só posteriormente o termo/conceito interseccionalidade foi criado pela norte-americana Kimberlé Crenshaw, em 1989.

sujeitos, como por exemplo, casa, escola, rua, etc., vão sendo desenhadas por esses sujeitos, também chamados de "agentes sociais".

Lorena Souza (2007, p.50) afirma que as trajetórias socioespaciais produzem esse movimento temporal no espaço, formulando a partir de lugares percorridos, as visões e percepções de mundo dos indivíduos, refletindo os lugares como partes essenciais para construção dessas trajetórias. Numa mesma linha de raciocínio, Mariza Santos e Alex Ratts (2015, p. 646) entendem que trajetórias socioespaciais podem ser definidas como "deslocamentos de um indivíduo ou coletividade entre locais distintos entre espaços - bairros, cidades, regiões, países - que fazem a diferença na sua situação social". Esses espaços a que se referem são discorridos de forma experiencial aos sujeitos, para que assim, haja interação de formas distintas entre os sujeitos e o espaço.

Quando tratamos desse deslocamento como forma de modificar uma situação social, podemos citar de que forma mulheres negras experienciam o lugar da universidade e como foi o seu trajeto até ele. Na maioria dos casos, o trajeto até este lugar, necessita de renúncias, bem como cita a entrevistada Carolina, que traz esses deslocamentos como forma de facilitar o seu ingresso na universidade:

> Nasci em Barbalha-CE, cidade da minha mãe. Depois do meu nascimento, nos mudamos para Exu-PE, cidade natal do meu pai, onde morei até os 19 anos. Até que minha família precisou voltar para Barbalha, pensando em melhorias e também na nossa situação econômica, que iria mudar ao começar minha graduação em Crato-CE" (Carolina).

Esse deslocamento se tornou um fenômeno comum dentro da comunidade negra, principalmente quando optamos por um curso superior na busca de mudanças, não só para o nosso individual, mas também para o coletivo. Quando pensamos em ascender socialmente, estamos pensando em quem e em como levar os nossos conosco, em modificar não só a nossa vida, individualmente falando, mas o todo que faz parte de quem somos e de quem seremos, assim como cita a entrevistada Antonieta ao ser questionada sobre a origem do seu interesse no ensino superior:

> Por ser de família humilde, pobre, eu vi nos estudos, na continuação do estudo superior, algo realmente, assim, para ser o diferencial da minha família e poder ajudar eles futuramente financeiramente. Então, esse desejo de fazer o ensino superior surgiu a partir dessas duas bases, tanto do incentivo que eu tive, quanto também de ver a minha realidade e querer mudá-la. Foi isso (Antonieta).

Acreditamos que esse comum vem se estendendo para além de laços sanguíneos, pois, na medida em que minha história se assemelha com a história de outras mulheres negras, nossa forma de construir as trajetórias também se entrelaça, principalmente no que se refere aos lugares escolhidos para essa base.

Ou seja, é parte que compõe as vivências e experiências dos indivíduos em sociedade, seja individualmente ou no coletivo, com isso:

> [...] para se compreender as trajetórias socioespaciais, deve-se construir os estados sucessivos do campo dentro do qual elas se desenrolam, os vários lugares e experiências pelas quais o indivíduo perpassa, unindo um ator social a outros, cujas vivências se desenvolvem no mesmo campo e no mesmo conjunto de possibilidades (Cirqueira, 2008, p.21).

Compreendemos as trajetórias socioespaciais como uma materialização espacial de experiências vividas a partir do corpo e da corporeidade, onde, apesar de serem individuais, se encontram à medida que formas de opressão atuam de maneira coletiva na vida dos indivíduos. "São histórias de vidas interseccionadas por caminhos que se entrecruzam o tempo todo: ser mulher negra, professora, universitária – cada uma com suas particularidades e singularidades de serem mulheres únicas" (Azevedo; Sacramento, 2022, p.54).

Nessa construção de informações, é importante perceber que para compreender as trajetórias socioespaciais deve-se construir uma reflexão acerca do campo em que elas atuam e se desenrolam, dos diversos lugares e experiências que unem os sujeitos a outros, cujas vivências se desenvolvem no mesmo ambiente e dentro das mesmas possibilidades. Como diz Talita Machado e Alex Ratts (2022), "esses espaços transitados e percebidos a partir das trajetórias dos sujeitos correspondem não somente a espaços de trabalho, mas também o de lazer, de residência, de afetos (mesmo que temporários)", etc.

Quando perguntadas sobre a motivação e interesse no ingresso na universidade, elas responderam que a família foi o ponto de partida dessa decisão em continuar estudando e ingressar no ensino superior. Mesmo diante de histórias que foram construídas fora dos muros da universidade, pode-se perceber que a educação ainda foi o caminho mais indicado para essas mulheres, como podemos ver nos recortes de entrevistas das estudantes Carolina, Dandara, Nzinga e Antonieta:

> Sou de uma família de classe baixa, meus pais não tiveram um ensino superior, meu pai tem ensino fundamental incompleto e minha mãe tem o ensino médio completo. Pensando em melhorar nossa situação econômica, e por incentivo deles, eu decidi ingressar no ensino superior. E pelo mesmo motivo, permaneço até hoje (Carolina).

> De certa forma, como eu venho de família humilde, eu sou a segunda a entrar numa faculdade por parte de mãe. O primeiro foi meu primo, Antônio, que era do curso de Geografia, também na Urca. Eu fui a segunda. E por vir de uma família muito humilde e pobre, eu queria mudar a minha história e mudar a história da minha família (Dandara).

> Desde pequena eu sempre fui incentivada a estudar, né? Principalmente pelo meu pai que acompanhou toda a minha educação básica, fundamental e até o ensino médio. E ele sempre dizia a importância dos estudos porque ele queria ter a oportunidade de estudar e não teve (Nzinga).

> O incentivo para ingressar no ensino superior, foi que desde sempre eu era incentivada aos estudos, e como eu disse, a família do meu pai é composta por pessoas que terminaram o ensino médio, ingressaram no ensino superior e tudo. Então, eu via neles um espelho, e sabia que eu tinha que fazer aquilo, sabe? E também, por ser de família humilde, pobre, eu vi nos estudos, na continuação do estudo superior, fazer faculdade, como algo para ser o diferencial da minha família e poder ajudar eles futuramente financeiramente. Então, esse desejo de fazer o ensino superior surgiu a partir dessas duas bases, tanto do incentivo que eu tive, quanto também de ver a minha realidade e querer mudá-la. Foi isso (Antonieta).

A família, de modo geral, é trazida como grande motivação para ingresso e permanência dessas pessoas no ensino superior. Somada a isso, a condição socioeconômica também é um ponto de partida para tal decisão. Assim como ela, as outras estudantes também expuseram alguns desafios enfrentados no decorrer do processo anterior ao ingresso na universidade. Quando perguntadas se "Durante o processo de ingresso, que envolve as tentativas até a aprovação, houve alguma dificuldade? Se sim, poderia me descrever?", elas descreveram que:

> Houve sim. Tive que estudar sozinha, pois não tinha condições de pagar um curso ou outras pessoas para me auxiliarem nos estudos. Para pagar a taxa de inscrição, eu não tinha o valor, tava trabalhando, mas o pagamento muitas vezes atrasava. Os 150 reais da inscrição, na época, ia fazer muita falta em casa, então eu fiquei com medo de conseguir pagar e depois não entrar na Universidade. No último dia de pagamento, minha mãe conseguiu o valor emprestado com uma amiga e me deu para pagar o boleto, estava bem próximo da lotérica fechar e fui correndo para o local, no final deu certo (Carolina).
>
> Sim. Isso reflete muito, não só, mas reflete também a questão do preparo, do ensino e do preparo, o pré vestibular, na verdade, porque a gente não tem essa oportunidade, eu não tive cursinho, não fiz cursinho para vestibular, seja o vestibular da URCA ou outros vestibulares, não fiz. Eu fui pesquisar por conta própria como era o vestibular, e eu peguei cadernos anteriores de prova e estudei com mais três amiga. A gente se reuniu durante 6 meses e a gente estudou mesmo, sabe? A gente era o nosso próprio cursinho, então a gente estudava, cada na sua área, eu gostava muito da área de humanas, eu tinha uma amiga que gostava muito da área de biológicas. Tinha um colega nosso que sabia muito da área de exatas, matemática e tudo. A gente foi se ajudando e quando foi no outro ano, em 2017, eu fiz a prova no meio do ano. Todo mundo conseguiu passar, quem estava estudando. E foi isso. (Antonieta).

Aqui, pensamos nessas trajetórias a partir não só do ingresso, mas também do que vem anterior a isso, os caminhos percorridos, os desafios enfrentados, as condições socioeconômicas e tudo faz parte das vivências dessas estudantes, principalmente como base para construção de suas trajetórias acadêmicas. E seguindo nessa narrativa sobre o interesse de ingressar na universidade logo foi abrindo caminhos para dialogar também sobre tensões e desafios cotidianos da vida universitária em vários aspectos. A partir do momento que o diálogo fluía, elas se sentiam confortáveis para falar sobre questões como pertencimento e permanência na universidade, em especial no tocante às ações afirmativas e políticas de assistência estudantil. O que nos trouxe muitas lembranças de nossas jornadas enquanto estudantes de graduação e pós-graduação.

"O QUE ME FEZ QUERER DESISTIR DO ENSINO SUPERIOR"

Todas as narrativas trazidas sobre as vivências dessas estudantes, desde o ensino básico até o ensino superior, estão marcadas por eventos de discriminação e invisibilidade, assim como as nossas estão. Quando perguntadas se elas cogitaram a desistência do curso, as respostas foram as seguintes:

> Sim, por questões financeiras. Mas logo que consegui uma bolsa remunerada, consegui ter esse suporte financeiro, que não é o suficiente, mas vou me manter do meu jeito. A bolsa remunerada me

> permite ajudar financeiramente aqui em casa, gastar com trabalhos acadêmicos, me permite participar de aulas de campos que são muito necessárias para o curso. Ela ajuda na permanência, porque muitos alunos precisam pagar aluguel, alimentação, porque muitas vezes os pais não tem condições de ajudar o filho(a) em outras cidades (Carolina).
>
> Sim, pensei em desistir no início do segundo semestre. Era como se nada tivesse se encaixando no plano que eu imaginei, mas aí eu fui persistente e disse "não, eu vou aguentar, eu vou insistir, eu quero ver até onde vai", e até então, estou aqui nesse desafio (Tereza).
>
> Sim, no 5º semestre eu quis desistir. Mas tive apoio dos amigos e minha irmã para não fazer isso. Por questões psicológicas mesmo, tem aquelas fases que a pessoa quer desistir (Nzinga).
>
> Eu poderia ter trancado, mas, porque como eu disse, no início, foi um ano e meio mais ou menos sem bolsa, com meus pais e com minha família ajudando. Aí finalmente eu consegui uma bolsa, aí se não tivesse conseguido essa bolsa, aí sim, teria sido muito complicado, e talvez eu poderia ter pensado realmente na possibilidade de trancar o curso definitivamente, porque não ia dá. Mas eu consegui a bolsa e tudo, então já foi um alívio, porque quando eu consegui a bolsa, eu informei para eles que não precisava mais de ajuda, porque eu entendi que eles já tinham me ajudado por muito tempo e que eu teria que ter essa responsabilidade de me virar sozinha. Então, a partir daí, não tranquei, porque foi um divisor de águas, mas, mesmo assim, depois, começou realmente os problemas apertarem ainda mais, e eu pensei em desistir, e assim, chegou um momento, principalmente no finalzinho agora, antes da pandemia, que eu fiquei pensando assim "qual a motivação para estar no curso?" (Antonieta).

A população negra enfrenta diversas dificuldades ao adentrar esses espaços, seja em fatores econômicos, preconceitos, discriminação e, até mesmo, com o descaso na formação dos docentes no que se refere a educação étnico-racial, trazendo consequências especialmente para as mulheres negras. E, fica explícito que a desigualdade racial imposta aos negros, ao longo da história, é ampliada quando pensamos em nós, mulheres negras, que estamos submetidas às piores condições de subalternidade, especialmente falando no tocante a universidade.

As respostas aqui expostas apontam que para as entrevistadas, tanto o fator financeiro, como psicológico, influenciam o desejo de não continuar na universidade. Quando é citado o fator psicológico, acreditamos que tenha relação com o desgaste mental em ter que lidar com o "ser negra" em espaços de branquitude como os da universidade. Sendo negra, estamos propensas a ter que lidar com o racismo e sexismo em todas as suas dimensões possíveis, porque no imaginário da sociedade brasileira, o racismo é um problema da população negra, assim como o sexismo, das mulheres. Então, são fatores que constroem e fortalecem esse desejo de tomar determinada distância desses lugares.

Eu, Susana, me colocando como sujeito participante nesta pesquisa, identifiquei muitas semelhanças e me senti contemplada em muitas falas no que diz respeito a forma de lidar com problemáticas que, a partir da minha percepção, somente eu, como mulher negra, enfrentava quando estava na graduação. O que se caracterizava como ausências e predileções, como por exemplo, a falta de professores para orientação em um trabalho sobre questões étnico-raciais que me contemplassem, ou a preferência por mulheres e homens brancos para disposição de bolsas de pesquisa e estágios. Essas são questões que nos colocam no limbo.

Ou seja, fortalecem, muitas vezes, essa negligência que sempre nos é direcionada por sermos mulheres negras.

A academia, que foi construída, especialmente, baseada em princípios eurocêntricos, e direcionada, hegemonicamente, para pessoas brancas, apresenta-se como um lugar de dor e desumanização desses corpos. O caminho para se tornar uma intelectual negra, ou até mesmo para ter um diploma de ensino superior, independente de se tornar intelectual ou não, não é visto como algo natural. Por isso, essa "presença inesperada" em lugares como os da academia, incomoda. É comum que nesses espaços, a mulher negra se sinta inferiorizada, isolada e desumanizada, pois esses "deslocamentos intelectuais realizados pelas/os intelectuais-ativistas negras/os se configuram como "acontecimento acadêmico" ao desestabilizarem as ferramentas pelas quais os epistemicídios são perpetuados" (Passos; Pinheiro, 2021, p.125), e é a partir desse momento, que surge uma percepção do quão violenta é a sua inserção no meio acadêmico.

Nilma Lino Gomes cita os currículos como parte dessas ferramentas pelas quais o epistemicídio é perpetuado dentro do campo educacional:

> [...] o Movimento Negro e a intelectualidade negra brasileira trouxeram para o campo das Ciências Humanas e Sociais, principalmente para a Educação, um diferencial: a perspectiva negra decolonial brasileira, uma das responsáveis pelo processo de descolonização dos currículos e do conhecimento no Brasil (Gomes, 2018, p. 223).

Esse movimento de negação dos conhecimentos de determinados grupos raciais é definido por Sueli Carneiro (2005) como "sepultamento dos saberes", considerando que determinados grupos são historicamente oprimidos e "destinados" a aceitar essa imposição epistemológica universal.

Então, a partir desse lugar de negligência a que somos submetidas enquanto mulheres negras, identificamos também semelhanças nas motivações para permanência nesses lugares. O que é extremamente necessário e importante para construirmos nossas discussões acerca das trajetórias socioespaciais, falar não só das violências, mas também das resistências e vitórias alcançadas.

"O QUE ME FEZ QUERER PERMANECER NA UNIVERSIDADE"

Em relação ao tema da permanência na universidade, o grupo apontou os principais obstáculos para a efetivação da vida acadêmica, onde está explícito que o racismo está presente no "Ser negra(o)" em espaços de branquitude e onde ainda existem sub-representações da população negra. Sob uma perspectiva interseccional, surgem elementos que estão relacionados ao gênero e às condições socioeconômicas como desafios, e como são necessários alguns processos de resistência para a permanência na universidade.

De acordo com o fluir do diálogo, os caminhos foram se abrindo para a possibilidade de falar sobre a visão dessas estudantes acerca das políticas de assistência estudantis, como, por exemplo, as bolsas remuneradas, o restaurante universitário, a residência universitária, entre outras. Então, quando perguntadas sobre isso, elas me disseram o seguinte:

> Sou bolsista desde o 6° semestre, fui bolsista de estágio extracurricular e agora sou bolsista de iniciação científica, atualmente estou no 7° semestre, e acho muito importante para qualquer aluno ter esse suporte financeiro, principalmente alunos do turno da manhã. Algumas vezes não pude trabalhar porque a maioria das empresas só querem trabalho integral e não meio turno. A bolsa remunerada me permite ajudar financeiramente aqui em casa, gastar com trabalhos acadêmicos, me permite participar de aulas de campos, que são muito necessárias para o curso. Ela ajuda na permanência de muitos alunos que precisam pagar aluguel, alimentação, porque muitas vezes, os pais não tem condições de ajudar o filho(a) em outras cidades. (Carolina).
>
> A bolsa é de suma importância para minha vida acadêmica, pois demonstra uma qualidade, profissional falando, que é a residência pedagógica que nos auxilia nessa área, onde me possibilita ter uma experiência na sala de aula, juntamente com o nosso professor orientador. Acredito que me motiva também a seguir no curso, principalmente na licenciatura. E sim, de uma certa forma, ela é a minha permanência no curso, pois, quando eu pensei em desistir, me veio a possibilidade de passar na bolsa, e passei, e foi realmente importante pra que eu permanecesse no curso (Dandara).
>
> Sim, já participei, fui bolsista do Instituto Chico Mendes. E sim, essas bolsas são bastante importantes para esse processo acadêmico, enquanto universitária, eu acho que elas têm papel fundamental na vida dos estudantes, principalmente porque muitos não tem condições de estar na universidade, mesmo ela sendo pública. Para mim, foi de suma importância e eu acho que deveria ser obrigatória para toda a comunidade acadêmica (Tereza).
>
> Sim, eu consegui bolsa de estágio extracurricular com três meses após o início do curso. E posso dizer que, poxa, tá sendo de suma importância, de verdade, porque custeio algumas coisas com ela, por exemplo, aluguel, impressão de texto e tal. E o R.U, também é de suma importância, além de ser valor muito, muito acessível, ele também dinamiza um pouco o meu tempo, haja visto que eu moro pouco afastada da URCA, então o tempo que eu gasto da URCA pra casa, eu já tenho almoçado e já vou fazer outras atividades. É isso (Maria Firmino).
>
> Bom, acredito que sejam determinantes para a permanência de estudantes de baixa renda na universidade. E eu permeio por essas políticas de permanência da universidade pública, tanto no restaurante universitário - RU, como da residência e de outras políticas, como, por exemplo, as bolsas remuneradas. Tudo isso adquirido através de muita luta dos estudantes, como em qualquer universidade pública, né? E eu acredito que em relação ao RU, a Urca é uma das universidades que tem o preço mais acessível de todas as universidades do Nordeste, porque ainda permanece o valor de 0,80 centavos por refeição, então é uma política de assistência muito válida e, praticamente 90% dos estudantes utilizam dela, mesmo sem saber que é uma política de permanência (Antonieta).
>
> Quando eu fui aprovada no curso de Geografia da URCA, eu trabalhava em um salão, e me veio o questionamento: "por que eu tinha feito a minha inscrição para o turno da manhã?", e eu fiquei naquela dúvida se eu passaria para noite ou não por questão do trabalho. Só que aí, meio que o trabalho não valia tanto a pena eu fazer esse esforço para mudar de turno, apesar de precisar muito dele. Então, decidi sair do trabalho e fiquei só indo para URCA, só para o curso e tal. Só que aí foi muito bom, porque no 2º semestre do curso, eu já consegui uma bolsa, e eu sou bolsista desde então. Só que aí, no período da pandemia, foi bem turbulento, né? E a gente tem que ser bem sincera com a gente mesmo, que 450,00 (valor da bolsa), às vezes não dá pra nada. Então eu sou uma pessoa que gosta e precisa trabalhar, então, para além da bolsa, eu faço meus bicos também. Meu orientador não sabe, mas eu faço. E em questões psicológicas mesmo, tem aquelas fases que a pessoa quer desistir, pelo menos no 5º semestre eu queria desistir. Não queria mais, não queria mais de jeito nenhum (Nzinga).

Pensando nesses processos de resistência, logo se vê que as políticas de assistência estudantil foram determinantes para a permanência dessas estudantes na universidade. Reafirmando ainda mais esse entrecruzamento de trajetórias e construindo possibilidades para abordar outras questões, como, por exemplo, acerca do ser mulher negra na universidade e dos espaços e mecanismos utilizados não só por elas, mas também por nós, como forma de lidar e enfrentar o racismo a partir do ingresso e permanência nesses espaços de branquitude.

Com base em dados do Censo da Educação, em termos de rede pública de ensino superior, mulheres negras representam o maior grupo de ingressantes no ano de 2017, fruto também da implementação da Lei nº 12.711/2012, conhecida por Lei de Cotas. A partir disso, se desenha um caminho que aponta para mais corpos negros nos espaços de ensino e na produção de conhecimento acadêmico, apesar de lento, o processo está acontecendo e necessita de um tempo maior de caminhada.

Destaca-se que nesses últimos 20 anos, a inserção das políticas afirmativas nas universidades, de acordo com Cirqueira *et al.* (2020, p.7), "ampliaram a entrada de estudantes negros e negras nas universidades brasileiras e, de alguma forma, impactaram na política de produção do conhecimento", modificando o perfil de corpos inseridos nesses espaços e mudando a condição desses sujeitos, pois de "objeto de estudos, estudantes negros passaram a questionar a produção de conhecimento realizada nas universidades brasileiras e a dar sua própria versão sobre uma série de temas." (Cirqueira *et al.,* 2020, p.7). Além da Geografia, outras ciências também foram afetadas com esse crescimento significativo de pessoas negras nas universidades, pois são obrigadas a dialogar em interseção com métodos e epistemologias comprometidas com a compreensão acerca das relações étnico-raciais e agora, das Geografias Negras.

De acordo com Dayse Santos, Delza Pinheiro e Enimeyre Cavalcanti (2020), é importante ressaltar que a política de cotas não tem o poder de agir sozinha nesse processo de inserção da população negra no ensino superior, e isso aponta para a necessidade maior de um conjunto de ações que contribuam e promovam a permanência desses sujeitos nesse ensino, oferecendo suporte às suas vidas acadêmicas. Ainda seguindo a lógica das autoras, "escalar uma vaga na universidade pública é, de fato, uma grande conquista, mas também traz consigo um grande desafio para se manter neste espaço".

A promoção de permanência desses sujeitos tem se tornado um dos principais pontos a serem discutidos no ensino superior. Há uma fragilidade nas relações acadêmicas que contribuem para que essa população não alcance uma articulação no sentido de permanecer nestes espaços, sendo preciso a confirmação de uma "necessidade da afirmação racial, para que esses estudantes possam melhor beneficiar-se das bolsas de estudo que lhes foram propiciadas" (Santos; Pinheiro e Cavalcanti, 2020, p.6).

O espaço da universidade, para além de ser um espaço de dor e violência, também pode ser palco para nossa resistência e vitória contra esse sistema que tenta nos capturar a todo custo. E para além do

individual, essa construção social pode ser constituída por múltiplas vivências e experiências que se atravessam em diversos sentidos, pela coletividade, especialmente, de mulheres negras nesse espaço.

Segundo Diogo Cirqueira (2008, p.15), o espaço é uma totalidade que se constitui de uma multiplicidade de espacialidades articuladas de forma mútua, possibilitando uma análise acentuada a partir de categorias geográficas, como: paisagem, lugar, território, região, etc., e que são recursos analíticos preenchidos de diversas e distintas concepções, apesar de estarem dentro das mesmas possibilidades e partilharem de uma mesma realidade, ou seja, as narrativas, histórias e trajetórias estão espacialmente sincronizadas, cada uma em sua própria posição sócio-espaço-temporal. Dessa forma, o espaço é um produto de correlações que são compostas por interações que permitem a existência de múltiplos, nos quais coexistem as trajetórias e, assim, como são as relações de gênero e raça, o espaço também pode ser considerado uma construção social, pois é ocupado a partir das reproduções sociais vividas por meio das experiências geográficas.

"EU ESTOU NA UNIVERSIDADE"

Dentro da universidade, foi percebida alguma indiferença ou dificuldade no processo formativo pelo fato de serem mulheres negras? Quando a entrevistada Antonieta diz que "Sim, com certeza. É como eu te falei, né? Assim, quando a gente compreende o nosso lugar e se reconhece, aí a gente consegue ver aquele racismo, aquele preconceito que é velado", ela abre possibilidades para o entendimento de que, se não possuísse o mínimo de conhecimento sobre si, sobre suas raízes e identidade, talvez não pudesse identificar essa indiferença, esse racismo. E ela continua falando sobre a sua posição dentro do espaço da universidade e como é essa relação do corpo negro com o lugar, que é sempre trazido para um lugar de subalternidade e silenciamento, até quando ela tenta se impor diante dessas situações. Para ela, é comum que haja um certo estranhamento diante de olhares de surpresa quando ela consegue falar e se expressar bem diante de pessoas brancas, que invalidam, muitas vezes, esse lugar de fala:

> Quando eu vou me impor enquanto meu lugar para falar, ou seja, quando é pedida a minha opinião, quando eu preciso solicitar algo dentro da universidade, seja em departamento, seja no curso, seja numa fala em eventos, sempre quando eu vou me impor, eu vejo que a minha voz não é escutada, não é ouvida, da mesma forma que se fosse uma mulher branca, por exemplo, ou homem branco. É como se tivesse validade a opinião do outro, em primeiro lugar, e contestada sempre a minha. É como se precisasse da opinião de outra pessoa, seja uma mulher branca ou homem branco, falando a mesma coisa que eu, para que a minha opinião seja validada (Antonieta).

É importante que tenhamos noção dos marcadores que estão interseccionados na vida de mulheres negras. Esses marcadores são manipulados causando efeito direto na participação dessas mulheres na construção das relações sociais, impondo estratégias para se criar barreiras, tanto nos seus desempenhos,

como nas suas permanências na universidade, o que gera uma estranheza e rejeição em torno desses lugares.

É possível perceber esse processo de rejeição, no diálogo que Neusa Santos (1983) constrói acerca da forma em que o racismo se projeta na vida de pessoas negras, causando tanta estranheza a elas a ponto de despertar o desejo por um "futuro identificatório antagônico" (Souza, 1983, p. 5) acerca da sua realidade étnica e pessoal. Ou seja, até conseguir romper com esse olhar de estranheza, a população negra precisa lidar com esse apagamento de identidades e raízes, fato esse que decorre, muitas vezes, do processo de construção de conhecimentos baseados em epistemologias racistas, e é tão cruel que "o negro, no desejo de embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, que a própria extinção" (Souza, 1983, p.5).

Dentro desse processo de construir a identidade negra, a base de conhecimento acadêmico é fruto dessas epistemologias racistas que se instalaram na nossa sociedade, causando a ausência de referências negras, principalmente de mulheres negras, nessa construção. Uma ausência que é percebida, até mesmo sem um letramento racial, por todas que fazem parte dessa realidade acadêmica.

Quando perguntamos sobre pertencimento ao espaço da universidade: Considerando a sua trajetória na universidade até o momento, principalmente enquanto mulher negra, você consegue se sentir como parte pertencente do espaço acadêmico? E outra, você consegue se enxergar no corpo docente e discente do curso? Carolina narra o seguinte:

> Sim e não ao mesmo tempo. Sinto muita falta de representatividade das mulheres negras no ambiente. Entre quase 35 alunos que entraram no curso, haviam poucas mulheres negras na turma, hoje só eu e minha amiga permanecemos no curso. Em relação a alguns professores, sinto um certo distanciamento, não sei se isso está relacionado a preferência de alunos. Até hoje não tive um professor ou professora negra e nem disciplinas voltadas à essa discussão (Carolina).

Essa falta de representatividade, que gira em torno de uma condição de invisibilização e inferiorização da população negra, principalmente do processo de construção de conhecimentos, é trazida também pela entrevistada Antonieta, que diz o seguinte ao responder a mesma pergunta:

> Não, justamente por isso, por esse motivo que te falei, por não ter essa representatividade. Essa é uma questão que me incomoda não somente hoje, mas desde o primeiro semestre, que eu comento com meus amigos e tal, até com alguns professores. E eu acho que essa é uma forma de tentar diminuir a gente, eu vejo por esse lado. Por que não tem? Por que não tem nem professores nem professoras negras? E também, por que não tem esses assuntos na Geografia? Mas, assim, levando para o meu pessoal, isso é uma forma de me instigar mais ainda. Se não tem, vai ter que ter de uma forma ou de outra (Antonieta).

E é interessante que, mesmo trazendo essa visão de não pertencimento, ela vem se colocando nesse lugar de poder, não somente a partir da materialização do seu corpo e do seu individual, mas também nos sentidos/significados que é ter outras mulheres negras nesses espaços, quando ela fala sobre os planos do

pós-graduação, ela demonstra interesse em continuar na pesquisa, em continuar ocupando esses espaços, e mais que isso, ela não quer ir sozinha, ela traz consigo o desejo do coletivo:

> Quero estudar para concurso, fazer mestrado e doutorado. E também vamos dizer, assim, quero trabalhar mais nessa linha de pesquisa, algo que eu sinto falta na geografia. Eu desejo muito que tenha uma mulher negra ali. Não importa se vai ser eu, se vai ser você. Eu quero que tenha, eu quero que as pessoas nos vejam, porque é necessário, sabe? Então eu quero trabalhar nessa linha de pesquisa, na educação antirracista e do empoderamento negro também.
>
> Bom, enquanto universidade em si, como um todo, eu tenho esse sentimento, desde quando eu entrei, na verdade, muitos movimentos em prol dessas lutas, tanto a luta da mulher, quanto a luta do negro, da mulher negra também, e que fazem, que deixam, na verdade, a gente amparada, dão apoio. Então, eu falo isso, eu falo que eu sinto pertencimento em relação às lutas que acompanho, aos movimentos sociais que eu acompanho dentro da universidade (Antonieta).

A partir dessa fala, destacamos também o papel dos movimentos negros nas universidades como forma de fazer essa ponte entre sujeito e construção de sua identidade.

"EU VOU FALAR DE NÓS GANHANDO, PORQUE FALAR DE NÓS PERDENDO, ELES JÁ FALARAM": Já dizia Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, intelectual quilombola.

É necessário entendermos a resistência como um movimento estratégico que visa à continuidade e sobrevivência da população negra em território brasileiro desde a sua chegada até os dias de hoje. Reafirmamos a importância de documentar e mostrar essas histórias, para aproximá-las de tantas outras que contribuem para a compreensão das histórias de mulheres negras não apenas a partir de um lugar de subordinação e desvantagem.

E é essencial citar aqui que em nossos caminhos construídos e reconstruídos, em especial em direção a universidade, não estamos sozinhas nunca. O que ficou desenhado em muitos momentos das entrevistas é que a família é o ponto de partida, em muitos sentidos. Especificamente, destacamos a importância do apoio familiar no momento de escolha e aprovação no curso a partir das respostas dadas acerca da seguinte pergunta: "Quando você conseguiu a aprovação na universidade, como você e seus familiares reagiram e qual foi a reação?":

> Foi muito gratificante. Só quem sabia que eu tinha feito a prova eram meus pais, minha irmã e algumas amigas, não tinha contado a ninguém fora eles. Eles ficaram muito felizes, eu chorei de felicidade, eu sou a primeira neta de minha avó materna a entrar no ensino superior. Minha família de Barbalha me ligou parabenizando, meus padrinhos, minhas tias de São Paulo também parabenizaram e me desejaram tudo de bom. Meu pai saiu falando para todo mundo que ele conhecia (Carolina).
>
> Eu me lembro como hoje, porque é uma coisa que foi muito emocionante, você saber que é capaz de entrar numa faculdade, principalmente na Urca, através de um vestibular que é muito concorrido. No momento do resultado, eu chorei na casa de uma vizinha, onde meu primo estava olhando o site e percebeu que eu tinha sido chamada, tinha passado. Naquela hora eu surtei, fiquei muito feliz, ele

> também, mesmo ele não tendo passado de primeira como eu, mas ele ficou muito feliz. Eu percebi no olhar dele a felicidade e alegria por eu ter passado. Quando eu contei pra minha mãe, foi emocionante, muito lindo e muito marcante na minha vida. Porque é uma luta constante. Você desde pequenininha, sonhando em passar na faculdade. Tinha aquele sonho, aquela vontade de fazer algo diferente, mostrar pra si que você é capaz, de mostrar para os outros, porque eu tinha vizinhos que não acreditava em mim e por eu ser filha de uma negra pobre, tinha todas essas dificuldades também, aquela cobrança em mim. E foi muito, muito lindo, muito emocionante, muito marcante na vida da gente (Dandara).
>
> Bom a sensação foi de muita alegria, de muita felicidade e de honra por todo o processo e que sempre torceram, sempre quiseram também, sempre apoiaram a ideia, a vontade e o sonho. Até então foi alegria total (Tereza).
>
> Bom, foi uma sensação incrível. Primeiro, porque eu coloquei na minha cabeça a partir desse dia que eu poderia conseguir, poderia e posso conseguir o que eu quiser. Segundo, porque eu fui a primeira a terminar os estudos, ensino médio e entrar no ensino superior em relação aos meus dois irmãos. E também por ser a Urca, que todo mundo da minha família fala muito bem, porque minhas primas se formaram na Urca, entre outras coisas. E é isso. Porque vem assim na minha cabeça: "uma pessoa de classe baixa, de uma comunidade, sempre estudou em escola pública e é a primeira da família a entrar assim na universidade. Quando eu digo família, eu digo meu pai, minha mãe e meus dois irmãos, entendeu? E também eu acho que eu entrar no ensino superior segue muito de exemplo pros meus sobrinhos. Pelo menos para um, porque eu tenho quatro, mas pelo menos uma, eu tenho certeza que vai seguir esse caminho (Nzinga).
>
> A priori, foi uma sensação muito boa de felicidade, de conquista, sabe? Porque eu estudei muito, muito mesmo pra conseguir ser aprovada. E, ao mesmo tempo, eu também senti medo e inseguranças de ter que me mudar para outra cidade, longe dos meus pais, e ficar aquela pergunta de "onde vou morar?" ou "como vou conseguir me sustentar?". Meus pais ficaram felizes também, mas com medo (Maria Firmino).
>
> Assim, pra minha família foi uma conquista muito grande, parece que eles ganharam na loteria, né? Gostaram muito e ficaram muito felizes. Minha mãe e meu pai, minha avó, inclusive, que é mãe do meu pai, ficou muito feliz, muito feliz mesmo. Ela sempre observou que eu gostava muito de estudar, ela sempre valorizou isso, me apoiou e ajudou, por exemplo, minha mãe não tinha condição de comprar os materiais no tempo de escola, ela sempre comprava. Quando eu fui fazer a prova do vestibular, ela sempre ajudava, tanto em dinheiro, quanto em palavras mesmo. Aí, quando ela soube que eu passei, ela gostou muito, assim, ela já me tinha como orgulho dela antes, e quando eu passei, ela se orgulhou ainda mais dessa conquista. E eu também gostei muito, fiquei muito feliz (Antonieta).

O que aponta para a importância de pensarmos nossas trajetórias a partir da resistência e vitórias da população negra, ao invés de se concentrar somente nas violências sofridas ao longo da vida. E para as entrevistadas, o momento de ingresso à universidade foi momento de vitória e superação, não só para elas, mas para toda a família, que vem sendo colocada aqui em diversos momentos como alicerce nessa construção acerca de suas trajetórias acadêmicas e, provavelmente, fator determinante para a escolha pelo ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Eu, mulher negra, resisto.
Resisto ao seu racismo descarado ou velado na sua falsa bondade.
Resisto ao padrão medíocre imposto e alimentado por você.
Resisto à sua colonização todas as vezes que cubro meu ori e reverencio com meu ojá todas aquelas que guerrearam antes de mim.
Eu, mulher negra, resisto e não me calo".

[...]

("Eu, mulher negra, resisto", Maza Dia Mpungo em Souza, 2021,p. 129)

Iniciamos as considerações finais com essa passagem de um poema que demonstra força e resistência, principalmente para nós enquanto mulheres negras, para dizer que existimos e resistimos não só na universidade, mas no mundo. Trouxemos aqui narrativas de histórias reais, de mulheres reais, de vidas reais, de uma resistência singular que se encontra com a pluralidade no enfrentamento ao preconceito e racismo herdado do passado escravocrata. A partir de suas trajetórias, reconhecemos que para além da dor, das dificuldades, das negativas que o racismo engendrou nas nossas vidas, há resistência e vitórias do/para o nosso povo.

A partir do que se levantou neste estudo, pode-se perceber que há uma mudança no perfil das universidades, pois mulheres negras estão em maioria nesses espaços. Porém, para além da inserção, é importante dialogarmos sobre a permanência desses sujeitos nesses espaços. Há um entrecruzamento entre as categorias de gênero, raça e espaços, ou seja, há uma dimensão espacial, que é delimitada e demarcada, e é por isso que, apesar do aumento da inserção desses sujeitos nos ambientes acadêmicos, há uma dimensão espacial que constrói uma ideia de que determinados grupos sociais não pertencem a esses espaços, causando estranhamento e desconforto.

No que se refere ao curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri - URCA, foi percebido que vem se construindo uma força de luta dentro desse espaço, partindo de mulheres negras, principalmente porque percebe-se um nível adequado de letramento racial vindo delas. É comum que em determinados espaços, a população negra, no geral, não tenha o direito à voz, ou melhor dizendo, ao "lugar de fala" (Riberio, 2017). Com isso, suas histórias, por muito tempo, foram contadas de forma com que se criassem estereótipos sobre essa população, causando esse estranhamento e distanciamento desses sujeitos. Mas esse quadro vem se modificando, quando mulheres negras estão em espaços como os da universidade, principalmente dentro da pesquisa, construindo "desde dentro" (Guimarães, 2015) saberes e narrativas a partir das suas concepções de mundo, ideias e processos subjetivos. Pessoas negras, em especial mulheres negras, vem produzindo, escrevendo e inscrevendo seus corpos nesses espaços a partir de suas "escrevivências" (Evaristo, 2017) produzidas no espaço geográfico. Neste sentindo, vai se construindo uma

ruptura nas epistemologias acerca do que se fala e pensa sobre a relação negritude, gênero e ciência, onde é possível enxergar novas formas de saberes que são pautados em conhecimentos jamais vistos, considerando todo o processo de apagamento que sofreram durante a história colonial euro cristã da humanidade. “Elas fazem valer seus achados, bem como suas pesquisas, em primeira pessoa e não como objetos. Na qualidade de sujeitas e participantes desses espaços são legítimas para dizer sobre si” (Silva; Euclides, 2018, p.56).

As trajetórias socioespaciais são trazidas aqui como caminhos percorridos dentro de uma dimensão espaço-temporal por mulheres negras ocupando os lugares da universidade, inclusive os nossos caminhos, como autora-participante da pesquisa e orientadora-co-autora, onde as escrevivências estão sendo narradas por elas e por nós. É perceptível, através de narrativas, que suas trajetórias acadêmicas são construídas também por outros atores durante a vida, e um deles considerado como principal motivação tanto para ingresso na universidade, quanto para persistir e permanecer nesse espaço, foi a família. Em muitos momentos, as entrevistadas demonstram gratidão pelo incentivo maior que foi dado pela família, especialmente vindo do pai e da mãe, em concluir um curso superior.

Foi possível perceber que as cotas raciais, conhecida como Lei de Cotas nº 12.711/2012, é um dos principais movimentos que alavancaram essa inserção e maior número de mulheres nas universidades, e é construído a partir de muita luta e resistência de agentes sociais inseridos em uma dimensão espacial, que são os movimentos sociais, culturais e políticos, inclusive, a URCA já está incluída no grupo de universidade que cumprem com a obrigatoriedade da Lei de Cotas. É importante pensarmos que anterior à implementação da Lei de Cotas, existe todo um histórico de desenvolvimento do ensino superior brasileiro, e podemos destacar que, ao passo desse processo, havia também uma movimentação de negação e silenciamento do racismo, no qual podemos relacionar ao mito da democracia racial, que resultou na ausência da representatividade da população negra nas universidades, não se limitando a isso, óbvio.

As mudanças provocadas pela implementação das política de cotas também estão influenciando os debates intelectuais e as lutas anti-racistas à medida que cresce o movimento negro na base acadêmica. Mas, para além da política de cotas, é importante pensarmos no conjunto de ações afirmativas como parte fundamental para essa mudança nas universidades, e entendermos que a política de cotas faz parte de um conjunto maior de ações que buscam uma transformação social em sua plenitude, como por exemplo, a política de permanência, caracterizada pelas bolsas de pesquisa, estágio ou docência, ofertadas nos cursos de graduação e pós-graduação do ensino superior brasileiro. Essa política foi destacada pelas entrevistadas como ponto fundamental para mantê-las na universidade.

De acordo com o que fala Valério *et al.* (2021), a rede pública é composta de variados desafios, entre eles está a falta de investimentos, que causa fragilidades principalmente nos grupos historicamente

violentados, determinando quem permanece ou não nesses espaços. As respostas a essas fragilidades se dão no decorrer do curso para os que conseguem permanecer nos espaços acadêmicos, exigindo, principalmente um esforço maior e individual por parte desses sujeitos em relação aos seus colegas para se manterem firmes na graduação. Como Valério *et al.* (2021) bem menciona, "esta necessidade não ocorre necessariamente por questões individuais de falta de capacidade, mas devido ao histórico de privações sociais, econômicas e culturais que colocou esses estudantes em posição de desvantagem em relação a grupos mais favorecidos da sociedade".

Pensando nisso, foi possível compreender a importância das ações afirmativas; bolsas de assistência estudantil, para a permanência dessas mulheres no curso de geografia da URCA, considerando que são, em maioria, mulheres negras e de classe baixa. Na maioria dos casos, quando se trata da mulher negra, ela é considerada como a responsável pelo grupo familiar, que está sempre sentindo o peso de ser melhor, de ser mudança e de ascender socialmente. Para além das bolsas remuneradas e da Lei de Cotas, foi percebido também o uso recorrente por essas mulheres de outras ações afirmativas como a residência e restaurante universitário. Apesar disso, ainda há questões que fazem essas mulheres se sentirem em lugar de marginalização e lhes tira a certeza de uma garantia de experiência bem sucedida. Diante disso, emerge a urgência de reforçar esse conjunto de ações afirmativas, principalmente aquelas voltadas para a permanência desses sujeitos nos espaços acadêmicos.

De acordo com esta visão trazida na pesquisa, a situação das mulheres negras é especialmente perversa porque são constantemente comparadas com os brancos, considerados a "norma". Uma "norma" cuja ignorância das origens nos impede de ver a condição de branquitude não como "normal", mas como um privilégio historicamente construído. Contudo, apesar da realidade da discriminação, do racismo e do sexismo, os diálogos aqui construídos também revelaram forte oposição ao lugar da discriminação. As suas experiências revelam um grande desejo de quebrar as armadilhas em que o sexismo, o racismo e a pobreza tentam enredá-las, o que aponta para a percepção de que há um letramento racial partindo dessas mulheres.

É evidente a necessidade de pensarmos em novos métodos, metodologias e epistemologias afrocentradas dentro da Geografia, para que assim, possamos desenvolver pesquisas e formações docentes, em especial nas práticas pedagógicas. Porém, produzir Geografias Negras no mundo contemporâneo é um grande desafio e esbarra com uma gama de empecilhos, considerando que a Geografia se consolidou como ciência ao passo que ocorreram avanços colonialistas e imperialistas europeus no século XIX (Cirqueira *et al.,* 2020). O que causou, segundo os autores, efeitos prolongados e diretos na epistemologia da Geografia enquanto ciência, reproduzindo diversos processos de subalternização e hierarquização, além também de difundir ideias acerca da supremacia branca e do patriarcado.

Há também uma certa confusão entre o que se entende por "Relações Étnico-raciais" e "Geografias Negras", onde podemos dialogar a partir da escrita dos professores Geny Guimarães, Lorena Souza e Diogo Cirqueira, no texto "Introdução do caderno temático Geografias Negras" (2020). De acordo com Cirqueira *et al. (*2020), é possível perceber as Geografias Negras como uma forma de se trabalhar e instigar o protagonismo de geógrafas/os negras/os, procurando debater e rever métodos e metodologias a partir das relações étnico - raciais, na intenção de causar um desmantelamento das estruturas do racismo.

Somente nas últimas duas décadas, emergiu-se uma produção ativa na busca por articulação da Geografia acerca das relações raciais através de um viés crítico. É interessante que vários autores, como Alex Ratts (2010) e Geny Guimarães (2015), vêm definindo essa articulação epistemológica de "espacialidades das relações étnico-raciais" e "dimensão racial do espaço", respectivamente. E isso significa que o espaço está sendo apresentado como uma ferramenta importante e necessária para uma melhor compreensão das relações étnicas e raciais, incluindo as trajetórias socioespaciais de mulheres negras, no contexto brasileiro e também da diáspora.

Acreditamos e esperamos que resultados trazidos aqui nessa pesquisa, possam viabilizar e abrir caminhos para outras mulheres negras, que seguem nessa caminhada dentro da academia como forma de modificar suas histórias de vida, as de suas famílias. Espero que seja ferramenta para construção de muitas outras "ESCREVIVÊNCIAS", e potencialize caminhos bonitos para toda uma geração de meninas e mulheres negras.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Luyanne Catarina Lourenço; SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. **Mulheres negras professoras universitárias e suas trajetórias socioespaciais no ensino de Geografia.** Revista Caminhos de Geografia. 2022. V. 23 N. 87. Uberlândia – MG. DOI: 10.14393/RCG238758866. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/58866.
Acesso em: 13 jun. 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 339 f. (Doutorado em Filosofia da Educação) – FE/USP, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Dispositivo de racialidade:a construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Trajetórias socioespaciais de estudantes negras e negros da Universidade Federal de Goiás.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio - Ambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

CIRQUEIRA, D. M, GUIMARÃES, G. F, & SOUZA, L.F. (2020). INTRODUÇÃO DO CADERNO TEMÁTICO "GEOGRAFIAS NEGRAS". **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 12(Ed. Especi), 3–11. Recuperado de https://abpnrevista.org.br/site/article/view/851.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio Negro de Janeiro: Olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo – projeto patrimonial.** Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. . **O conceito de lugar no processo-projeto patrimonial negro-brasileiro.** In: COSTA, Carmem Lúcia. (Org.). Espaço e Diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero. 1ed.Goiania: Gráfica UFG, 2018, v. 1, p. 99-113.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos.** In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSFOGUEL, Ramón (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 223-247.

MACHADO, Talita Cabral; RATTS, Alex. **Trajetórias socioespaciais dos militantes do movimento negro na Região Metropolitana de Goiânia-** DOI 10.5216/ag.v6i2.15472. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 202–221, 2012. DOI: 10.5216/ag.v6i2.15472. Disponível em: https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/15472. Acesso em: 28 jun. 2023.

MILLS, Charles W. Ignorância branca. Tradução de Breno Ricardo Guimarães Santos. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa/Bahia, v.17, n.1, p.413-438, jun.2018. DOI: https://doi.org/10.31977/grirfi.v17i1.785

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

RATTS, Alecsandro JP. **Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras.** XXVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu-MG, out. 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** Belo Horizonte: Letramento: 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos. Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Mariza Fernandes dos; RATTS, Alex. **Trajetórias negras discentes no espaço acadêmico: o quadro da Universidade Federal de Goiás diante das ações afirmativas.** Educere et Educare. n 20. Cascavel. 2015. p. 641-652.

SANTOS, Dayse Costas dos; PINHEIRO, Delza Cristina; CAVALCANTI, Enimeyre de Melo. **Relações etnico-raciais e educação: a inserção da mulher negra no ensino superior.** In: XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2020.

SILVA, Petronilha Beatriz G. e. **"Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas": situando-nos enquanto mulheres e negras.** Cadernos Cedes, Campinas-SP, ano 16, n. 45, julho/ 1998. pp. 7-23.

SILVA, Joselina; EUCLIDES, Maria Simone. **Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil).** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 70, p. 51-66, jul./ago. 2018.

SILVA, Tatiana Dias. **Ação afirmativa e população negra na educação superior: acesso e perfil discente.** Texto para Discussão (TD) 2569, Rio de Janeiro: Ipea, 2020. https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10102

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Coleção Tendências; v. 4.

SOUZA, Lorena F. de**. Corpos negros femininos em movimento: trajetória socioespaciais de professoras negras em escolas públicas.** Dissertação de Mestrado em Geografia. IESA – UFG, 2007.

SOUZA, Lorena Francisco de; RATTS, Alecsandro J P. **Gênero, raça, educação e ascensão social: as professoras negras e suas trajetórias socioespaciais**. In: Seminário Nacional Trabalho e Gênero, 2006, Goiânia, 2006.

SOUZA, Lorena Francisco de; RATTS, Alexsandro JP. **Escritas e inscrições de Geógrafas Negras.** In: Diálogos ibero – latino – americanos sobre geografias feministas e das sexualidades / Org. Joseli Maria Silva; Marcio José Ornat e Alides Baptista Chimin Junior. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017.

SOUZA, Elizandra B., MORAES, Iara A. (Org.). Literatura negra feminina: poemas de sobre(vivência). São Paulo: Mjiba, 2021.

PASSOS, M. C. A. dos, & PINHEIRO, B. C. S. (2021). Do epistemicídio à insurgência: o currículo decolonial da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa (2018-2020). **Cadernos De Gênero E Diversidade**, *7*(1), 118–135. https://doi.org/10.9771/cgd.v7i1.43442

VALÉRIO, A. C. O., BEZERRA, W. C., SANTOS, V. S., LEITE JUNIOR, J. D., FARIAS, M. N., & SANTOS, S. M. B. (2021). **Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde.** Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 29, e3007. https://doi.org/10.1590/2526- 8910.ctoAO2278.